

EDITORIAL

O livro de Salmos apresenta várias coleções, sendo que somente quatro delas possuem cabeçalhos, supostamente identificando os seus possíveis compositores. Dentre elas encontra-se a coleção dos salmos le ‘asaf que prefiro traduzir “Para Asaf”, entendendo que o prefixo lamed colocado junto ao nome Asaf tem o objetivo de indicar que essa família de cantores do Templo possuía uma coleção de salmos como parte de seu repertório. Juntamente com as coleções “Para Davi” e “Para os filhos de Core”, esses três blocos de composições constituem-se em uma das questões mais intrincadas, sobre autoria, para os/as exegetas bíblicos.

O primeiro trabalho de fôlego sobre a coleção “Para Asaf” é datado de 1871 (Franz Delitzsch, Biblical Commentary on the Psalms. Volumes I/II/III, Edinburgh: T.&T. Clark). Depois de estudar os livros de Crônicas, onde se encontra uma tradição desconhecida para o Historiador Deuteronomista, sobre os asafitas, Franz Delitzsch reconhece essa coleção e a identifica como composições com características literárias próprias, exceto os salmos 50 e 78.

De Franz Delitzsch a até os dias de hoje, grandes exegetas pesquisaram sobre os salmos “Para Asaf” e os asafitas: Bernhard Duhm (1929), Hermann Gunkel (1929), Sigmund Mowinckel (1921) e Claus Westermann (1954). Westermann, diferente daqueles que têm procurado distinguir os salmos dessa coleção a partir do conteúdo literário, vê os salmos asafitas como um núcleo de canções da comunidade, moldurados pelos salmos 50 e 83 (ambos carregando a tipologia dos salmos coraitas).

A exegese contemporânea tem concordado com alguns pontos sobre os salmos “Para Asaf”. Em primeiro lugar, os doze salmos intitulados “Para Asaf” (Sl 50,73-81) não devem ser vistos como de uma só autoria, ou não devem ser datados para o tempo da origem deles. É mais seguro pensar no tempo em que eles foram coletados ou reunidos em coleção. Todas as informações adicionais, especialmente os cabeçalhos, não têm a ver com os/as compositores/as originais, mas aos coletores que, certamente, os compilaram e prepararam para o uso próprio da comunidade cúltica, nas liturgias do Templo. Todavia, é preciso reconhecer que é forte a tendência de afirmar que os salmos “Para Asaf” têm estreita relação com a tradição dos asafitas, uma família que guardou e transmitiu as memórias dos pais.

Em segundo lugar, os salmos asafitas parecem ter uma origem comum: o Reino do Norte. Diferente dos salmos coraitas, que estão ligados à Sião, os asafitas fazem muito uso da história israelita, incluindo o êxodo e a aliança sinaítica. Michael D. Gaulder (The Psalms of Asaph and the Pentateuch, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996) propõe uma data e um local para a origem dessas composições, a saber, imediatamente após a queda de Samaria (721 aC) no santuário de Betel. Para ele, as

marcas da teologia do Norte estão bem nítidas nessa coleção de salmos: o nome de Deus é El e Eloim; o povo de Israel tem o nome de José, tal como Amós faz. Após o fim do Reino do Norte, os asafitas buscaram refúgio em Jerusalém, levando a sua tradição, incluindo as suas canções. Tudo faz crer que o deuteronomismo tem muito a ver com essa história.

Os estudos apresentados neste número de Estudos Bíblicos foram escritos por alunos e alunas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP, São Bernardo do Campo, SP. Eles e elas formam uma nova safra de pesquisadores/as da Bíblia, anunciando novos tempos para a pesquisa bíblica no Brasil e na América Latina.

Tércio Machado Siqueira